



FUTEBOL E SALTO ALTO: POR QUE NÃO?

Thabata Santos Ventura

Vinicius Barroso Hirota

Universidade Presbiteriana Mackenzie - Brasil

Resumo: Futebol, fenômeno esportivo que envolve multidões, conta cada vez mais com a presença feminina dentro e fora de campo. Com o objetivo de discutir o papel feminino no futebol, o presente estudo utiliza como metodologia o método da revisão bibliográfica (CARVALHO, 1989), sendo a bibliografia consultada parte do acervo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, além de bibliotecas e bases de dados on-line, mediante a utilização de palavras-chave como futebol, futebol e futsal feminino, esporte feminino, gênero e sociedade. Desta maneira verificamos que o número de mulheres interessadas pelo futebol e que praticam o mesmo é crescente, mas vemos ainda discriminações relacionadas à sua inserção nesse esporte, mais do que em outros. Fatores como exclusão e exploração estão presentes neste universo que pelo instante parece ser limitado ao masculino.

Palavras-chave: Futebol; mulher; sociedade.

SOCCER AND SHOES OF HIGH JUMP: WHY NOT?

Abstract: Soccer, sporting phenomenon that involves crowds, counts more and more with the female presence inside and outside the fields. With the objective of discussing the female role in the soccer, the present study uses as methodology the bibliographical revision (CARVALHO, 1989), where the consulted bibliography constituted on the Universidade Presbiteriana Mackenzie's archive, besides libraries and on-line data bases, by use the word-key as soccer, soccer and female futsal, feminine sport, gender and society. This way we verified that the number of the interested women in soccer and the same that practicing is growing up. We still see discriminations related to the insertion in this sport, more than in others. Factors as exclusion and exploration are present in this universe that seems, for the instant, to be limited to male.

Keywords: Soccer, woman, society.

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos esportes hoje praticados no Brasil, é incontestável que o futebol é o que mais se destaca. A própria expressão popular “jogar bola” está diretamente relacionada ao futebol e nenhum outro esporte com bola.

Surgido no Brasil no final do século XIX originário da Inglaterra, o futebol tornou-se logo paixão nacional, desbancando outros esportes como o remo e o turfe em questão à popularidade (SILVA, 2005). Daolio (2005, p.4), fugindo de explicações

biológicas, como as vantagens físicas da mistura de raças no país, ou funcionalistas, como a facilidade e o baixo custo da prática do futebol, afirma que “parece ter havido uma combinação entre os códigos do futebol e o contexto cultural brasileiro”.

O futebol hoje deve ser compreendido como parte integrante da cultura brasileira, não podendo de forma alguma ser dissociado desta. Para Silva (2005, p. 25) “o futebol reflete-se em um tipo de cultura particularizada que norteia muitos brasileiros. Muitos grupos formam-se através do futebol”. No jogo a população se reconhece, expressa sua paixão, se liberta de suas angústias e preocupações, faz das discussões nas rodas de amigos e das idas aos estádios seus momentos de descontração. Segundo Daolio (2005, p.5):

O futebol brasileiro tem se constituído, ao mesmo tempo, em expressão da sociedade brasileira e em um modelo para ela, espelhando toda a sua dinâmica, com todas as contradições e todas as riquezas nela presentes. Sem dúvida, o futebol constitui-se numa das principais manifestações culturais brasileiras, constantemente atualizada e ressignificada pelos seus atores.

Como fator de construção social, Knijnik e Vasconcelos (2003) destacam o futebol como exemplo de democracia, onde a sociedade aprendeu a obedecer regras. Na torcida, é o momento em que desconhecidos se aproximam, independente de diferenças de classes ou outras mais.

Porém apesar do grande envolvimento da população com questões relacionadas ao futebol percebemos que ele não é tão democrático, pois sempre existiu um domínio hegemônico masculino sob esse esporte.

Apesar de cada vez mais as mulheres virem se interessando pelo futebol e o praticando, vemos ainda discriminações relacionadas à sua inserção nesse esporte, mais do que em outros. Para Moura (2005, p.132):

a necessidade de analisar-se o futebol como área exclusiva masculina parte do pressuposto de entender-se também como se processa a construção dos papéis sociais colocados para a mulher, relacionando-a com o espaço de exclusão/inclusão no universo futebolístico.

Sendo assim, objetivamos então com esse trabalho discutir a discriminação existente à cerca do futebol feminino no chamado “país do futebol”, a partir de fatos históricos, as relações de gênero presentes na nossa sociedade e o papel da escola e do profissional de Educação Física no processo de inclusão e quebra de paradigmas em relação à papéis sociais diferentes para meninos e meninas.

Dessa forma, ao estudarmos as desigualdades existentes entre os sexos em relação ao futebol no Brasil, não podemos deixar de fazer algumas reflexões sobre a categoria “gênero”. Segundo Knijnik e Souza (2003), gênero marca a oposição com o termo sexo, para apontar tudo o que fosse construído socialmente, descrevendo a personalidade essencialmente diferente entre homens e mulheres. Para Moura (2005),

gênero é uma categoria social, da mesma forma que classe e raça, estabelecendo padrões diferenciados de relacionamento entre as pessoas.

Para Souza Jr. e Darido (2001, p1):

Ser do gênero feminino ou masculino leva a perceber o mundo de forma diferente, a estar no mundo de modos diferentes e, em tudo isso há diferenças quanto à distribuição de poder, o que vai significar que o gênero está implicado na concepção e na construção do poder.

METODOLOGIA

A metodologia empregada neste trabalho foi o método da revisão bibliográfica, que de acordo com Carvalho (1989), consiste na atividade de localização e consultas de fontes diversas de informações, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema. Para isto deve-se ter claro e definido o tema de pesquisa, o que se quer saber sobre determinado assunto, o qual deve ter uma boa delimitação, o tema não pode ser muito abrangente, pois isto pode dificultar a pesquisa. Do ponto de vista prático, a pesquisa pode ser segmentada em quatro fases: busca, localização, seleção e análise crítica sobre o assunto pesquisado.

Em nosso estudo a bibliografia consultada se constituiu sobre o acervo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, além de bibliotecas e bases de dados on-line, mediante a utilização de palavras-chave como futebol, futebol e futsal feminino, esporte feminino, gênero e sociedade. Autores como KNIJNIK (2003 e 2004), DARIDO (2002) e HIROTA (2006), falam respectivamente do assunto mulher no esporte, a questão do gênero e futebol feminino.

A MULHER BRASILEIRA E O ESPORTE

Apesar de na atualidade as mulheres brasileiras terem conseguido grande destaque nos acontecimentos esportivos, ainda é inferior o número das esportistas que participam de torneios importantes. Mesmo assim esses números devem ser apreciados, uma vez que hoje as mulheres têm mais liberdade para praticarem as mais diversas modalidades esportivas, apresentando resultados significativos.

Embora haja essa facilidade de inserção feminina ao desporto hoje em dia no Brasil, devemos lembrar que até pouco tempo atrás o quadro era bem diferente. Sempre vivemos em uma sociedade machista e moralista, na qual homens e mulheres possuíam (e ainda possuem) papéis sociais bem distintos. A mulher do passado (não muito distante) era vista somente com o estereótipo da “rainha do lar”, “da boa mãe” e da “boa esposa”, principalmente restrita ao espaço doméstico (FRANZINI, 2005). À mulher sempre foi aplicada a imagem de fragilidade, dependência e sensibilidade, enquanto atribui-se aos homens qualidades como força, virilidade, garra. E a partir dessas características a sociedade acaba determinando o que se é adequado ou não às pessoas em relação a seu sexo. Para Moura (2005, p.132) “há um enorme investimento da sociedade em geral para que os sujeitos sejam ou se comportem dessa ou daquela forma, que gostem de determinadas coisas em função ao seu sexo”.

Segundo Knijnik (2003) e Souza Jr. e Darido (2002), durante boa parte do Império, quando a Educação Física foi introduzida na escola, ela foi vetada às meninas, e a idéia de estender a prática esportiva a elas foi rechaçada pela opinião pública. Na época as próprias famílias das meninas eram contrárias veementemente à prática de exercícios por parte delas.

Moura (2005) diz que na década de vinte, a mulher (da elite) conseguiu sua inserção nos grandes acontecimentos esportivos da época.

No entanto, o papel destinado à mulher esportiva era ditado pelas normas sociais, restringindo o espaço corporal, definindo a estética a ser seguida pela esportista que até então era a “nova mulher” dos tempos modernos (MOURA, 2005, P.135)

Devia-se, portanto, às práticas esportivas da época estarem voltadas a um critério da beleza das formas, da sutileza dos movimentos, indicando às mulheres a ginástica, que além de valorizar a beleza, fragilidade e sutileza femininas, era uma forma de manutenção de saúde que se adequava aos ideais dos padrões sociais da época, quais sejam o desenvolvimento dos órgãos responsáveis pela reprodução (MOURA, 2005).

Alonso (2003, p. 36) relata que:

O corpo feminino até os idos da década de 1970 tinha expressão e forma socialmente determinadas, consideradas normais e saudáveis. Normal, por exemplo, era ter estrutura óssea que auxiliasse no parto, portanto, quadris largos eram bastante apreciados. Já braços com bíceps torneados eram pouco recomendados, porque afastariam possíveis pretendentes horrorizados com a demonstração de força da mulher.

Vimos então, que apesar de ainda restritas as mulheres começam a conquistar seu espaço na sociedade, sendo o esporte um importante meio de fortalecimento.

A INSERÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NO FUTEBOL

O futebol, em relação aos demais esportes, foi o que apresentou maior resistência da sociedade em relação à inserção da mulher, por representar um esporte de contato ligado totalmente ao ideal masculino, arrogante e fisicamente forte (MOURÃO e MOUREL, 2005).

Essa relutância na aceitação do futebol feminino estava ligada “à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas acabaram abandonando suas ‘funções naturais’ para invadirem o espaço dos homens”. (FRANZINI, 2005, p.5)

Especialistas médicos da época desaprovavam a prática do futebol, argumentando que representava um esporte incompatível com a delicada fisiologia da mulher, que comprometia sua saúde e órgãos reprodutores, além de propiciar um anti-estético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, deixando-as com pernas mais grossas e masculinizadas.

Segundo Mourão e Mourel (2005), em 1935, foram promovidos os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, e o futebol não estava incluído entre as modalidades.

Durante a ditadura militar o Conselho Nacional de Desportos (CND), através da resolução número 7/65 proibiu as mulheres a praticarem desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, tais como lutas, futebol, pólo aquático, pólo, rugby e baseball (SOUZA JR. e DARIDO, 2002). Os esportes recomendáveis seriam voleibol, tênis, críquete, natação, ciclismo, os dois últimos desde que “praticados moderadamente” (FRANZINI, 2005). Somente em 1986 o CND reconheceu a necessidade de estímulos à participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas no país.

Apesar das pressões contra a prática, o futebol feminino passou cada vez mais a ser praticado, enfrentando preconceitos e discriminações por estereótipos relativos a cada época, que ainda hoje persistem.

O FUTEBOL FEMININO HOJE

Apesar do aumento no número de meninas que se interessam pelo futebol e começam a praticá-lo hoje, ainda percebem-se ações discriminatórias da sociedade sobre o tema e falta de destaque em relação ao futebol profissional.

De acordo com Hirota et al (2006), atualmente a busca da mulher pelo esporte vem crescendo, juntamente com o seu desempenho e a participação em competições. No futebol de campo não é diferente e a adesão das mulheres, ou seja, atletas do sexo feminino vem se tornado expressiva nos últimos anos. Podemos verificar o futebol feminino crescendo e sendo praticado em diferentes estabelecimentos como escolas, escolas especializadas, clubes, empresas e até mesmo em universidades, nas quais as atletas visam a possibilidades de se profissionalizar.

A Seleção Brasileira de Futebol feminino vem obtendo bons resultados nos grandes eventos esportivos, ocupando, em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, o quarto lugar, em 1999 ficaram com o bronze no Mundial, em 2000, novamente ficaram em quarto lugar nas Olimpíadas de Sidney, foram campeãs no Pan-Americano de 2003 em Santo Domingo e na última Olimpíada, em Atenas, foram vice-campeãs. E agora mais recentemente tivemos a oportunidade de ver a seleção feminina de futebol vencer o Pan-Americano no Rio de Janeiro (Brasil) em pleno Maracanã, com uma excelente atuação. Mesmo diante dessas conquistas o futebol feminino não possui o devido reconhecimento no país. Em 2004, na época das finais dos Jogos Olímpicos de Atenas, era notável a preocupação da população a cerca da provável vitória das meninas do Brasil, pois seria uma “vergonha” o futebol masculino não ter chegado às finais e o feminino voltar com o Ouro. Com o vice-campeonato os corações machistas puderam bater aliviados e as bocas puderam então dizer: “não adianta, lugar de mulher é mesmo no fogão”.

O futebol feminino obteve um maior destaque nos últimos tempos, porque segundo Mourão e Mourel (2005) depois da década de 70 a mídia impressa apresentou maior divulgação do futebol feminino, o que ajudou um pouco o conhecimento e difusão da modalidade, porém nas manchetes, geralmente apareciam associadas às desigualdades de gêneros no futebol. Segundo as autoras “as transformações discursivas associadas ao esporte feminino na sociedade brasileira são lentas, e em relação ao futebol feminino verifica-se que as mudanças, mesmo quando protagonizadas pela mídia, não deslançam” (MOURÃO e MOUREL, 2005, p.74).

Apesar de a mídia ter colaborado para maior inserção da mulher no futebol ela transmite mais uma forma de preconceito e discriminação, pois muitas vezes deixam-se de lado as competências esportivas das mulheres para serem realçados atributos físicos e estéticos das esportistas. Segundo Knijnik (2003, p.28) “chavões de beleza e sexualidade são comumente utilizados para designar atletas de diferentes modalidades”. E ainda segundo o autor

É exatamente no campo de futebol que algumas ações discriminatórias em relação à mulher esportista acontecem em nosso país. Campeonatos organizados no sentido de embelezar a modalidade, dando espaço às mais bonitas em detrimento às mais bem dotadas tecnicamente ainda são organizados no século XXI. (KNIJNIK, 2003, p.20)

Um exemplo disso ocorreu em setembro de 2001, quando a Federação Paulista de Futebol, ao organizar o Campeonato Paulista, fez uma seleção das jogadoras, com o intuito de unir a imagem do futebol à feminilidade. O critério da seleção era a beleza e não a habilidade física. Isso porque um fator que pode tornar o futebol feminino menos atraente, tanto para os espectadores, quanto às meninas que repudiam ou até mesmo se interessam pelo esporte, mas que têm medo e dificuldade de lidar com os estereótipos, é a constante associação que se faz das atletas ao lesbianismo, seja por ser um esporte que representa o ideal masculino, seja pela vestimenta, que contrariamente a outros esportes, em que o marketing esportivo tem se preocupado com a confecção de roupas cada vez mais justas e curtas que valorizem os atributos estéticos das atletas como atrativo à modalidade, são roupas largas, unidas aos meios e às chuteiras, idênticos ao uniforme masculino, como também pelo comportamento, composição corporal e gestos físicos às vezes masculinizados das atletas.

Não cabe aqui a nós questionar ou analisar a opção sexual das atletas de futebol, nem mesmo tentar quantificar o número de atletas que são ou não lésbicas nesse meio. Queremos sim destacar que o fato de algumas atletas do esporte de alto-rendimento apresentar comportamentos masculinizados pode se prender ao fato de que as atletas vêm buscando cada vez mais a superação de seus limites, alcançando recordes até pouco tempo inatingidos e para isso tentam se igualar ao rendimento masculino, buscando sua auto-afirmação nesse meio até pouco tempo restrito aos homens, podendo apresentar características desse gênero.

Segundo Simões, Conceição e Nery (2004, p.77):

É preciso destacar que o desenvolvimento do ‘perfil masculino’ nada tem a ver com o lesbianismo- trata-se de um feito biopsicodinâmico que determina uma modificação essencial no processo de conquista da identidade da atleta no mundo esportivo.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESPAÇO PARA MUDANÇAS

Como resultado dos valores presos à cultura da nossa sociedade ao longo dos tempos, percebemos que um fator que contribui com a resistência sobre a aceitação da prática do futebol feminino encontra-se no ambiente familiar. Meninos e meninas já são incentivados desde cedo a se comportarem de formas diferentes. Afirmações do tipo: “menina tem que brincar de boneca”, “menino não chora”, “menino tem que brincar de carrinho” vão fazendo parte da formação das pessoas desde os primeiros anos de vida.

A escola deveria ser o ambiente onde essas crenças fossem contrariadas, pois é um lugar cuja proposta é formar cidadãos críticos e conscientes, prontos para a vida em sociedade.

A escola deveria ser um espaço privilegiado, de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania, promovendo discussões sobre a dignidade, igualdade de direitos, recusa de formas de discriminação e importância da solidariedade (DARIDO, 2002, p.43).

Porém, é um equívoco dizer que a escola não faz distinções entre os sexos. Nas aulas de Educação Física ainda são explícitas algumas distinções, pois observa-se ainda professores que não proporcionam as mesmas oportunidades de aprendizado à meninos e meninas, muitas vezes por supervalorizar os mais aptos, em detrimento dos menos aptos.

Segundo Souza Jr. e Darido (2002, p.30):

As atribuições do professor de Educação Física na escola vinculam-se à finalidade de contribuir para a formação global do cidadão, incluindo-se assim, os aspectos biológico, cultural, social e afetivo. Dentro desta perspectiva cabe ressaltar a importância de proporcionar a todos os educandos, indistintamente, as mesmas oportunidades de aprendizado. No entanto, na prática podemos observar uma diversificação de tratamentos para meninos e meninas, perpetuando os modelos sexualmente tipificados pela família e sociedade.

A Educação Física, ao não dar oportunidades iguais de aprendizagem a todos perde seu sentido como responsável pela formação de cidadãos, por retratar a exclusão por conta das diferenças e por perpetuar preconceitos e estereótipos da sociedade. É claro que não pode o professor dar tratamento igual a todos, mesmo porque ele não estaria respeitando as diferenças e dificuldades individuais, mas buscar adaptar o conteúdo, no caso o futebol, à capacidade das alunas, dando a mesma oportunidade de estímulos que as tornem mais cultas, mais aptas, para assumirem sua cidadania e suas opções no que se diz respeito ao desporto e à atividade física (GOMES, SILVA E QUEIRÓS, 2004).

Gomes, Silva e Queirós apontam diversos tópicos sobre o futebol e a relação com o envolvimento de meninas com a modalidade, seguem algumas justificativas para a inclusão feminina no contexto do futebol:

O futebol...

- está profundamente associado ao masculino;
- é enorme a sua importância e o seu significado mundial;
- muitas alunas sentem-se mais discriminadas no futebol do que em outras atividades;
- muitas delas gostariam de adquirir competências nessa modalidade;

- as mais renitentes, sujeitas a um processo de ensino e aprendizagem correto, deixariam de o “genderizar”; e os meninos reconheceriam que o futebol não é só “coisa de e para homens”;
- é a modalidade de menor exigência técnica, no sentido dos requisitos mínimos para se jogar;
- o espaço e as condições requeridas são menos exigentes do que em outras modalidades;
- nunca se ouviu relatar que o futebol não fosse abordado na escola por falta de instalações;
- a alteração de algumas regras não o “fere de morte”;
- é o desporto mais popular em muitos cantos do globo;
- o clima de festa está-lhe intrinsecamente associado;
- é o desporto mais democrático: permite e reclama distintos morfotipos;
- nenhuma classe social lhe é indiferente (GOMES, SILVA E QUEIRÓS, 2004, P. 185).

Portanto, segundo as autoras “não será despiciente o número de mulheres futebolistas: tragam-nas aos palcos da escola, valorizem-nas” (GOMES, SILVA e QUEIRÓS, 2004). Não pode o professor de Educação Física de hoje continuar cometendo os erros de outrora, concretizando em suas aulas os estereótipos e preconceitos da sociedade. É preciso fazer da aprendizagem do futebol uma prática proveitosa e prazerosa às meninas, assim como fazer da aula um momento de reflexão sobre a construção histórica de papéis e as diferentes atribuições, podendo dessa forma reduzir a discriminação a cerca do futebol feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica difícil dar por fim uma discussão tão ampla e interessante em relação ao esporte, ao futebol e ao universo feminino. O esporte abordado nesta revisão reflete nas mais variadas áreas do conhecimento como a economia, a política, as ciências sociais e da saúde, e no enfoque de nossa era, a educação física.

Não podemos deixar de lado a emoção que o futebol, este esporte bretão conjetura no dia-a-dia das pessoas e no momento auge que é chamado de *GOL*.

Portanto, o espaço feminino no futebol deveria estar reservado, espaço este não reservado até hoje, mas que mostrou nos jogos Pan-Americanos do Brasil -Rio 2007, que tamanha organização, vontade e motivação, fazem um campeão, ou melhor, um “time campeão”. Que este seja o primeiro passo para o reconhecimento nacional e para que haja maiores investimentos e promoção da modalidade.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Luiza Klein. **Mulher, corpo e mitos no esporte**. In: SIMÕES, Antonio Carlos (Org). Mulher e Esporte-mitos e verdades. Barueri: Manole, 2003, p. 35-48.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Construindo o saber – Metodologia científica**: Fundamentos e Técnicas. Campinas, Sp: Papirus, 12 ed., 2002.

DAOLIO, Jocimar. **A superstição no futebol brasileiro**. In: DAOLIO, Jocimar (Org). Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 3-19.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.8, n.2, 2002. p. 43-49

FRANZINI, Fabio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**. São Paulo, v. 25, n. 50, jul/dez 2005.

GOMES, Paula Botelho; SILVA, Paula; QUEIRÓS, Paula. **Para uma Estrutura Pedagógica Renovada, Promotora da Co-Educação no Desporto**. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org). O mundo psicossocial da mulher no esporte-Comportamento, Gênero e Desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p. 173-190.

HIROTA, Vinicius Barroso; SCHINDLER, Paola.; VILLAR, Viviane.. Motivação em atletas universitárias do sexo feminino praticantes do futebol de campo: um estudo piloto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.5, número especial, 2006. p. 135-142

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares de. **Diferentes e desiguais**: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org). O mundo psicossocial da mulher no esporte-Comportamento, Gênero e Desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p. 191-212

KNIJNIK, Jorge Dorfman; VASCONCELOS, Esdras Guerreiro. **Mulheres na área**: perigo de gol. In: SIMÕES, Antonio Carlos (Org). Mulher e Esporte-mitos e verdades. Barueri: Manole, 2003. p. 165- 176

MOURA, Eriberto Lessa. **O futebol como área reservada masculina**. In: DAOLIO, Jocimar (Org). Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, 2005. p. 73-86

SIMÕES, Antonio Carlos; CONCEIÇÃO, Paulo Félix Marcelino; NERY, Maria Aparecida da Câmara. **Mulher, Esporte, Sexo e Hipocrisia**. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org). O mundo psicossocial da mulher no esporte-Comportamento, Gênero e Desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.

SOUZA JR., Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.8, n.1, 2002. p. 1-8.

Contatos

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Fone: 3555 2131
Endereço: Av. Mackenzie, 905 – Tamboré – Barueri/SP – Cep.: 06460-130
E-mail: vhirota@mackenzie.com.br

Tramitação
Recebido em: 08/08/2007
Aceito em: 03/09/2007